

Integrar, Não É Incluir: Um Relato De Experiência Inclusiva Em Um Laboratorio De Pesquisa E Jogos

Kelly Christiane Silva De Souza¹ Maria Olivia De Albuquerque Ribeiro Simão²
Clairon Lima Pinheiro³ Luis Cuevas Rodríguez⁴ Cristina Souza De Araújo⁵
Jucimar Maia Da Silva Junior⁶

A Autora É Pesquisadora Do Projeto Arkade Academy. Doutora Em Educação E Inclusão E Profa. Da Universidade Do Estado Do Amazonas – UEA.

A Coautora É Pesquisadora Do Projeto Arkade Academy. Doutora Em Biologia De Água Doce E Pesca Interior. Profa. Da Universidade Federal Do Amazonas – UFAM.

O Coautor É Pesquisador Do Projeto Arkade Academy. Doutor Em Engenharia Química. Prof. Da Universidade Do Estado Do Amazonas – UEA.

O Coautor É Pesquisador Do Projeto Arkade Academy. Doutor Em Ciência Da Computação. Prof. Da Universidade Do Estado Do Amazonas – UEA.

A Coautora É Pesquisadora Do Projeto Arkade Academy. Mestra Em Engenharia De Software. Profa. Da Universidade Do Estado Do Amazonas – UEA.

O Coautor É Pesquisador Do Projeto Arkade Academy. Doutor Em Engenharia Elétrica. Prof. Da Universidade Do Estado Do Amazonas – UEA.

Resumo

A inclusão é um conceito que transcende o âmbito educacional, envolvendo diversas esferas sociais, como cultura, trabalho e vida comunitária. Este artigo apresenta um relato de experiência sobre a integração de estudantes-bolsistas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em um Laboratório de Pesquisa e Jogos da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). A experiência evidenciou a distinção entre integrar e incluir, destacando a relevância de compreender as especificidades dos indivíduos neurodivergentes. Através de um processo de sensibilização e formação continuada para docentes e estudantes, buscou-se transformar o ambiente educacional em um espaço acolhedor que respeita a diversidade. Discute-se os desafios enfrentados e as conquistas obtidas, reforçando a importância de práticas inclusivas efetivas.

Palavras-chave: Inclusão, Transtorno do Espectro Autista, Neurodiversidade, Formação de Professores, Práticas Educativas.

Date of Submission: 14-02-2025

Date of Acceptance: 24-02-2025

I. Introdução

A inclusão é um conceito que se estende além do âmbito educacional, permeando diversas esferas da sociedade, como a cultura, o trabalho e a vida comunitária. Nos últimos anos, o reconhecimento da importância da inclusão tem ganhado destaque, especialmente em relação a grupos historicamente marginalizados, como pessoas com deficiência, minorias étnicas e raciais, e a comunidade LGBTQIA+. A inclusão busca garantir que todos os indivíduos tenham acesso a direitos e oportunidades, promovendo uma sociedade mais justa e equitativa.

No contexto educacional, a inclusão se torna ainda mais imperativo, uma vez que a escola/universidade é um espaço fundamental para a formação de cidadãos críticos e participativos. A promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a ratificação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência reforçam a necessidade de garantir que todos os estudantes, independentemente de suas diferenças, tenham acesso a uma educação de qualidade. Contudo, é essencial diferenciar os conceitos de integrar e incluir, que, embora muitas vezes utilizados como sinônimos, possuem significados distintos e implicações diferentes na prática.

Integrar geralmente se refere à simples inserção da pessoa, seja ela um estudante, um trabalhador, um convidado, um passageiro entre outras possibilidades em um ambiente, sem as adaptações necessárias para que ele se sinta parte desse contexto. Essa abordagem pode resultar em marginalização e exclusão, pois a pessoa atípica é colocada em situações que não consideram suas necessidades específicas. Em contrapartida, incluir

envolve um entendimento profundo da diversidade e requer que a escola, a empresa e os diferentes grupos sociais e seus profissionais se transformem para acolher e respeitar as particularidades de cada sujeito. A inclusão, portanto, é um processo que exige conhecimento, formação e comprometimento.

Neste artigo, apresentamos um relato de experiência sobre o acolhimento de estudantes-bolsistas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em um Laboratório de Pesquisas e Jogos da Escola Superior de Tecnologia (EST) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). O movimento de inclusão realizado buscou preparar não apenas os professores, mas também os estudantes que iriam receber esses novos integrantes. Essa preparação destacou a importância de que incluir exige um esforço ativo para conhecer e compreender o estudante, suas características e necessidades, além de um compromisso em criar um ambiente onde todos possam aprender e se desenvolver de maneira equitativa.

Ao longo deste artigo, discutiremos as experiências vividas durante esse processo, refletindo sobre os desafios e as conquistas, bem como as lições aprendidas. Acreditamos que esse relato pode contribuir para a formação de práticas educativas mais inclusivas e para a promoção de ambientes que valorizem a diversidade como um elemento enriquecedor do processo de ensino-aprendizagem, refletindo a necessidade de uma inclusão que transcenda as paredes da sala de aula e se estenda por toda a sociedade.

II. Integrar, Não É Incluir

A **inclusão**, de acordo com Mantoan (2003), refere-se a "um processo de transformação da escola e da sociedade em que as diferenças são respeitadas e valorizadas". Nesse sentido, incluir implica acolher o indivíduo em sua diversidade, garantindo que ele tenha acesso ao currículo e aos recursos disponíveis. Por outro lado, **integrar** muitas vezes se refere a uma abordagem mais superficial, onde o estudante atípico é inserido em um ambiente sem as devidas adaptações e suporte, o que pode levar à exclusão social e acadêmica.

A neurodivergência é um conceito que abrange uma variedade de condições cognitivas e comportamentais, incluindo o Transtorno do Espectro Autista (TEA), TDAH, dislexia, entre outras. Essa visão enfatiza que as diferenças do neurodesenvolvimento são parte da diversidade humana e não devem ser vistas apenas sob a ótica da deficiência (Silva, 2021). Como afirmado por Walker (2014), neurodiversidade é a diferença de mentes humanas, a infinita variação de funcionamento neurocognitivo dentro de nossa espécie. A autora propõe:

1. **paradigma da neurodiversidade** é uma abordagem que assume que pressupor certo funcionamento neurocognitivo como correto e passível de se impor como norma para os demais é uma ideia socialmente construída e atravessada por questões de poder e opressão em relação a quem é considerado fora ou distante da norma;
2. **movimento da neurodiversidade** é um movimento social - coletivo, complexo, feito por diversas pessoas em diversos lugares e sem uma necessária centralização - que luta por direitos civis igualdade de acesso e inclusão para pessoas neurodivergentes;
3. **neurodivergente** é o termo que designa quem teria um modo de operar mentalmente que diverge dos padrões dominantes de normalidade pressupostos e esperados em nossa sociedade; e
4. **neurotípico** é o termo que designa quem teria um estilo de funcionamento neurocognitivo assumido como normal e esperado dentro de nossa sociedade.

Essa perspectiva nos leva a repensar práticas educacionais que muitas vezes se baseiam em padrões neurotípicos, excluindo aqueles que não se encaixam nesses moldes.

A neurodiversidade não assume que os desafios enfrentados por um sujeito neurodivergente em um mundo capacitista sejam ignorados em nome do reforço das potencialidades, isto é, a neurodiversidade não nega que pode haver obstáculos associados a serem rotulados como tendo uma cognição autista. (Trabuco; Araújo; Magnani; Silveira, Araújo; e Silva, 2022)

Quando começamos a receber como candidatos a bolsistas, estudantes neurodivergentes no Projeto Arkade Academy⁷, tivemos a preocupação de que eles fossem recebidos na equipe, tendo garantia de respeito às suas diferenças, e não que se vissem obrigados a simplesmente se "adequar" às regras estabelecidas, desconsiderando as especificidades do espectro, e que também, não fossem as peculiaridades do espectro, vistas com estranheza ou espanto pelos professores- pesquisadores e demais colegas neurotípicos, mas que ao serem compreendidas, pudessem realmente ser respeitadas.

O respeito às diferenças, sejam elas quais forem, nos permitem ver o potencial existente na pessoa humana, assim como, possibilita que vejamos muito além da deficiência, extinguindo as práticas capacitistas⁸ tão comuns em nossa sociedade, mas ainda tão pouco reconhecidas ou porque não dizer admitidas, e tratadas como "brincadeiras".

Receber estudantes-bolsistas autistas, não se configurou no âmbito do projeto como nosso grande desafio, nosso desafio se fez quando optamos por realmente incluí-los, entendendo suas formas de funcionar e dando condições para que seus talentos e habilidades pudessem vir à tona, em um processo pleno de inclusão e não de mera aceitação a convivência com a diferença.

Processos inclusivos não se fazem com a mera imposição, mesmo considerando que infelizmente ela tem se feito necessária para garantia de direitos, mas também entendemos que muitas vezes o acesso é garantido, mas a inclusão ainda fica reduzida a uma simples integração da pessoa com deficiência. E foi nessa perspectiva que o desafio de receber estudantes-bolsistas autistas se configurou, pois não queríamos apenas tê-los entre nós, desejávamos que eles se sentissem e fossem parte do processo, por isso entendemos que sem a sensibilização dos pares isso não seria possível, era preciso conhecer para poder entender, entendendo poder conviver com respeito e empatia.

III. Pequenos E Grandes Passos Em Direção À Inclusão

Nossa experiência começou a se construir no processo de entrevistas com os candidatos a bolsistas para o Projeto Arkade Academy, quando identificamos que alguns dos entrevistados se tratavam de estudantes neurodivergentes, cabe destacar que de acordo com Brito & Vasconcelos, 2016, o Transtorno do Espectro Autista – TEA é muito variável, sendo que quando apresentam quociente de inteligência normal e a linguagem está presente, são maiores as possibilidades de evolução em diferentes áreas do desenvolvimento. De acordo com o DSM-5-TR (2023), ainda é minoria o número de indivíduos com TEA que conseguem viver uma vida adulta totalmente independente, compondo o grupo conhecido como TEA de alto funcionamento.

A pessoa TEA-AF pode ter linguagem e capacidades intelectuais superiores, o que favorece seu funcionamento, entretanto, de acordo com Oliveiras-Rentas, Kenworthy, Roberson, Martin, & Wallace, 2012, mesmo com prejuízos menores no neurodesenvolvimento, especificamente na comunicação, interação social e comportamento, estão vulneráveis a ansiedade e depressão em maior propensão, considerando as exigências a que são expostos de uso das habilidades sociais, bem como em função das frustrações decorrentes de alguns serem socialmente ingênuos e terem dificuldades em organizar demandas práticas. Ao fazer a seleção desses bolsistas, começamos então o movimento que foi de diálogo com as famílias para entender suas expectativas e suas percepções e em seguida o processo de sensibilização e formação dos docentes-pesquisadores e dos estudantes-bolsistas neurotípicos.

O movimento de sensibilização com toda equipe do projeto, se constituiu como parte fundamental, pois, a partir da sensibilização foi possível a compreensão dos primeiros conceitos de Neurodivergência, até chegarmos ao Transtorno do Espectro Autista- TEA, e a partir de então, iniciamos a etapa da formação continuada dos professores e dos estudantes. Acreditamos que preparar o corpo docente é fundamental para garantir que as pessoas com TEA sejam efetivamente incluídas. Segundo Silva (2021), "a formação continuada dos educadores é essencial para que possam lidar com a diversidade em sala de aula e promover um ambiente verdadeiramente inclusivo".

Durante o processo, enfatizamos a importância de que a inclusão não deve exigir que o estudante atípico se adeque aos padrões neurotípicos. Ao contrário, é fundamental que a instituição se transforme para acolher e respeitar as especificidades de cada sujeito. Para isso, promovemos atividades que visavam sensibilizar os estudantes neurotípicos sobre as particularidades dos colegas com TEA, utilizando dinâmicas que promoviam a empatia e a compreensão.

Uma das atividades realizadas foi a "Roda de Conversa", onde abordamos as características do TEA e discutimos preconceitos e estigmas associados a essa condição. Durante essas conversas, os próprios estudantes-bolsistas puderam compartilhar suas experiências, o que contribuiu para uma maior aceitação e respeito por parte dos colegas.

Os encontros formativos favoreceram a ampliação dos temas discutidos nas rodas de conversa, desmitificando algumas questões e possibilitando uma compreensão sobre o funcionamento das pessoas dentro do espectro.

IV. Considerações Finais

O processo de incluir estudantes com TEA no projeto Arkade Academy da EST/UEA mostrou que integrar e incluir são, de fato, conceitos distintos e que a verdadeira inclusão requer um esforço coletivo e sistemático. A formação dos professores e a sensibilização dos colegas são fundamentais para criar um ambiente que respeite e valorize a diversidade. Portanto, é necessário que as instituições de ensino adotem práticas que promovam a inclusão de maneira efetiva, garantindo que todos os estudantes tenham a oportunidade de aprender e se desenvolver plenamente.

Ao longo de nossa experiência que ainda não foi concluída, entendemos que o acesso a todos os espaços em que a pessoa com deficiência queira estar é fundamental, mas garantir a qualidade desse acesso, com práticas que realmente respeitem não apenas as diferenças, como também sejam espaços de desenvolvimento e aprimoramento de habilidades, ampliando a funcionalidade dos sujeitos e efetivando um processo que de fato possa se configurar como inclusivo.

Ao vermos a pessoa com TEA em suas diferentes possibilidades, tiramos a deficiência do foco, sem, entretanto, desconsiderar suas necessidades e especificidades, dando evidência ao potencial existente, e

favorecendo o desenvolvimento funcional em diferentes áreas da vida, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva. Portanto, a inclusão deve ser entendida como um compromisso contínuo, que exige não apenas adaptações, mas uma transformação cultural e social em nossas instituições e na sociedade como um todo.

Referências

- [1] AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION: Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais: DSM-5-TR. 5. Ed. Rev. Porto Alegre: Artmed, 2023
- [2] BRITO, A. R. & VASCONCELOS, M. M. Conversando Sobre Autismo: Reconhecimento Precoce E Possibilidades Terapêuticas. In V. L. Caminha, J. Huguenim, L. M. Assis, P. P. Alves (Orgs), Autismo: Vivências E Caminhos (Pp. 23- 32). Blusher: São Paulo, 2016
- [3] MANTOAN, Maria Teresa G. De Almeida. Inclusão Escolar: O Que É? São Paulo: Moderna, 2003.
- [4] OLIVERAS-Rentas, R. E., KENWORTHY, L., ROBERSON, R. B., Martin, A., & WALLACE, G. L. WISC-IV Profile In High-Functioning Autism Spectrum Disorders: Impaired Processing Speed Is Associated With Increased Autism Communication Symptoms And Decreased Adaptive Communication Abilities. Journal Of Autism And Developmental Disorders, 42(5), 655–664. 2012.
- [5] SILVA, João Carlos. Educação Inclusiva: Desafios E Práticas. São Paulo: Editora Pedagógica, 2021.
- [6] TRABUCO, Érica Fernanda Paiva Curado; ARAÚJO, Luana Adriano; MAGNANI, Luiz Henrique; SILVEIRA, Mayra; ARAÚJO, Rafaela Dos Santos Da Silva; E SILVA, Solange Cristina Da. As Entrelinhas Do Autismo: Carta Educacional Da Neurodiversidade – Nada Sobre Nós, Sem Nós. Ministério Público De Santa Catarina, 2022. Disponível Em https://www.mpgo.mp.br/portal/arquivos/2024/05/20/18_37_47_839_MPSC_Entrelinhas_Autismo_Carta_Educacional_Da_Neurodiversidade_2022_Web2_2_.Pdf / Acesso Em 22 De Nov.2024
- [7] WALKER, Nick. Neurodiversity: Some Basic Terms & Definitions. Disponível Em <https://Neuroqueer.Com/Neurodiversity-Terms-And-Definitions/> Acesso Em 27 Out. 2024